

## **Análise das Estratégias Metodológicas das Aulas de Dança Improvisação na Educação Física Infantil**

Queila da Silva  
Professora de Educação Física  
queilladasilva@yahoo.com.br

Marcelo Victor da Rosa  
Prof.º. Ms./ Departamento de Educação Física/UFMS  
marcelovictor@ufms.br

### **Resumo**

Este estudo é uma pesquisa-ação que apresenta as diferentes estratégias metodológicas no ensino da dança improvisação na Educação Física infantil. Para isso, contou com a observação e registro das aulas ministradas, nas quais participaram 40 crianças de 5 e 6 anos matriculadas em uma escola particular de Campo Grande-MS. A partir da coleta de dados, foi possível verificar que as estratégias metodológicas de ensino aderidas pelas professoras foram: diálogo (comunicação), a motivação, despertar da curiosidade (com materiais de apoio) e demonstração. Em suma, as professoras utilizaram de diversas estratégias de ensino para possibilitar as vivências com a dança improvisação.

Palavras-chave: Dança improvisação; Ludicidade; Educação Física infantil.

### **Abstract**

This study is an action research that presents the different methodological strategies in the teaching of improvisation dance in physical education for children. To do this, it included the observation and recording of all given classes, in which 40 children about 5 and 6 years enrolled in a private school in Campo Grande-MS. From the data collection, it was verified that the methodological strategies for teaching the teachers were: dialogue (communication), motivation, arousal of curiosity (with supporting materials) and demonstration. In short, the teachers used various teaching strategies to enable the experience through dance improvisation.

**Keywords:** Dance improvisation, Playfulness, Physical Education, Child

## Introdução

A dança pode ser traduzida por movimento e não pode ser satisfatoriamente descrita, é essencial vivê-la, senti-la, experimentá-la; é inerente ao ser humano, inclusive às crianças. Elas precisam de experiências de comunicação criativa e interpretativa, necessitam ter a “sensação” de alegria e movimentar-se alegremente. Por meio da experiência de movimento, aprender padrões básicos de dança e combinar atividades de movimentos com a música, a arte, a ciência, a matemática e a linguagem artística, é possível obter auto-conceito, auto-realização e auto-confiança (CARBONERA e CARBONERA, 2008). Isso pode ser obtido por meio da dança. A dança, por meio de experiências educacionais, oferece aprendizagem em cada etapa do desenvolvimento psicomotor da criança, além de estimular a criatividade, dando a oportunidade que a criança crie seus movimentos.

A Educação Física escolar deve considerar tanto os limites e possibilidades de aprendizado por parte das crianças como as relações entre os conhecimentos da cultura corporal. No entanto, a prática da Educação Física tem sido comumente vinculada apenas a uma parcela da cultura corporal, os esportes coletivos.

Segundo Kunz (1989), o esporte como conteúdo “soberano” impede o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a Educação Física tais como o sentido expressivo, criativo e comunicativo.

O ensino da dança na escola pode auxiliar, por exemplo, no desenvolvimento global da criança e do adolescente e favorece todo o tipo de aprendizado que eles necessitam; uma criança que teve a oportunidade de participar de aulas de dança na educação infantil, certamente, terá mais facilidade para ser alfabetizada (CARBONERA e CARBONERA, 2008).

A dança não deve ser inclusa apenas na teoria, no planejamento, mas na prática, em atividades que colaborem no desenvolvimento da coordenação motora, equilíbrio, flexibilidade, criatividade, musicalidade, socialização, consciência corporal, noções de espaço, lateralidade, expressões corporais e faciais de forma espontânea, e o conhecimento da dança em si, auxiliando no seu desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Assim justifica-se esse trabalho em abordar de forma geral o conteúdo dança nas aulas de Educação Física e especificamente como ensinar a dança improvisação, que visa proporcionar ao aluno(a) consciência do próprio corpo, tornando as expressões e os movimentos

espontâneos de modo a promover a externalização de suas emoções com propriedade.

A partir do exposto, este estudo se propôs a investigar diferentes estratégias metodológicas no ensino da dança improvisação na Educação Física infantil com crianças entre 5 e 6 anos em uma escola particular na cidade de Campo Grande-MS em 2009.

### **Procedimentos teórico-metodológicos a incursão no campo de pesquisa**

O tipo de pesquisa realizado foi pesquisa-ação<sup>1</sup>, neste tipo de pesquisa, o pesquisador assume a responsabilidade não apenas de assistir os atores envolvidos por meio da geração de conhecimento, mas também de aplicação deste conhecimento.

O estudo foi aplicado em um colégio particular em Campo Grande/MS, para duas turmas com crianças de 5 e 6 anos com aproximadamente 20 participantes cada; no qual foi utilizado o instrumento roteiro de observação de aulas, para coletar os dados, que foi adaptado de Gabilan (2008). Os pontos

principais de observação, foram: interesse dos alunos pelo conteúdo, conteúdo desenvolvido, recursos didáticos utilizados pelo professor e desenvolvimento da aula.

Ao término da coleta, os dados foram digitados, conforme os pontos abordados no roteiro de observação, de forma resumida e em tópicos. As falas das crianças foram mantidas conforme o que foi dito. As discussões permearam de acordo com as categorias de análises<sup>2</sup> (classificação) retiradas dos dados coletados.

Todos os dados foram digitados e impressos. Nas observações buscou-se, a partir das informações anotadas, analisar as categorias de análise de cada questão abordada na ficha de observação. Essas questões são: 1) participação dos alunos nas aulas e as estratégias da professora para tal; 2) nível de interesse dos alunos pelo conteúdo e as estratégias de motivação da professora; 3) descrição dos conteúdos desenvolvidos na aula; 4) materiais utilizados na aula; 5) relatar se o objetivo da aula foi alcançado; 6) relação professoras-alunos e vice-versa; 7) relato de alteração no planejamento e 8) as estratégias de

1 É um método intervencionista que permite ao pesquisador testar hipóteses sobre o fenômeno de interesse implementando e acessando as mudanças no cenário real (LINDGREN *et al*, 2004).

2 É uma operação de classificação de elementos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos (MINAYO e DESLANDES, 2003).

ação da professora perante os problemas apontados na avaliação.

A partir dessa divisão procurou-se discutir as categorias de análise que foram escolhidas por se repetirem nas anotações, quais foram: 1) timidez, 2) não-identificação com a professora, 3) amizade, 4) diálogo, 5) flexibilização do plano de aula, 6) interação social, 7) motivação, 8) *feedback*, 9) chantagem, 10) desafio, 11) atração visual, 12) mediador e 13) imitação.

## Discutindo as estratégias na escola

As aulas foram ministradas entre abril e maio, pela pesquisadora e colaboradora; como eram duas turmas, ministrei aula para uma e observei a atuação da colaboradora na outra turma. Ao todo, foram 12 observações, sendo 6 aulas para cada. Os planejamentos foram feitos por mim. Isso ocorreu pela possibilidade que a pesquisa propicia ao pesquisador de envolver-se de modo cooperativo ou participativo.

Na tentativa de ter um prévio contato com os alunos da escola, antes de ministrarem as aulas, as professoras optaram por fazer algumas observações para que eles pudessem se acostumar com a presença e evitar algumas ações

de rejeição, conforme nos mostra Junqueira Filho (2000).

Apesar da ação das professoras, algumas alunas se negaram a participar. Já os meninos participaram em todas as aulas. Os motivos encontrados para essa diferença entre meninos e meninas foram a 1) timidez, 2) não-identificação com a professora e 3) amizade.

A timidez e a não-identificação das alunas com as professoras podem estar ligadas ao fato de não conhecerem previamente as professoras e, por isso, terem tido uma ação de não aceitação momentânea e receio ao desconhecido.

Quanto a amizade, segundo Rezende (2002) há maiores expectativas desse sentimento por parte das mulheres (meninas) do que homens (meninos). O mesmo autor ainda discute que o fato de uma mágoa ocorrer no percorrer de uma amizade se evidencia no comportamento dos envolvidos. Tal feito aconteceu no decorrer das observações deste estudo, em que um grupo de amigas estava participando da aula e uma delas teve uma atitude que não agradou às demais e, por isso, as mesmas não quiseram continuar na aula por causa da amiga que as contrariou.

A partir dos motivos observados, as professoras utilizaram de estratégias para motivar a participação das alunas, foram elas:

4) diálogo, 5) flexibilização das atividades planejadas, 6) deixá-los interagir com os amigos (as) e 7) motivação.

O diálogo foi uma ação constante das professoras, pois as mesmas sempre procuravam saber o motivo da não participação das alunas para, posteriormente, incentivar e motivá-las a participar da aula. De acordo com Vasconcelos, *et al* (2005), a comunicação é de suma importância para a interação professor-alunos, tanto no fator psicológico, quanto o vínculo entre o cognitivo e as ações concretas.

A flexibilização das atividades foi uma estratégia aderida pelas professoras como um modo de possibilitar a participação de todos, seja no momento em que as alunas ficaram incomodadas com alguma situação, ou a necessidade de elaborar outras atividades e ainda modificar aquelas contempladas no planejamento. Conforme ocorreu em um dia que a professora separou os alunos em duplas, um ficou com os olhos vendados e o outro com um urso de pelúcia, os quais tiveram que passar o brinquedo pelo corpo do colega e ele falava o nome da parte do corpo que estava sendo tocada. Algumas alunas falaram: - "Professora eu não quero fazer". A professora conversou com elas e descobriu que a venda estava incomodando. Por isso, a professora deixou que elas

fizessem a atividade com os olhos fechados, sem as vendas.

A ação da professora se deu pela necessidade de adaptação ao incômodo apresentado pelas alunas. Essas adequações ocorreram pelo fato das professoras não deixarem o planejamento fechado, restrito e absoluto. Segundo Moreira (2008), os planos de aula não podem ser um documento rígido e absoluto, visto que o processo de ensino está sempre sofrendo modificações face às condições reais, ou seja, nem sempre as atividades ocorrem da forma como foram planejadas.

Vale a pena ressaltar que a adequação e inclusão de outras atividades propostas pelos alunos não é um atendimento às "vontades" dos alunos, mas entendemos que o papel do professor é de avaliar as situações e procurar mediar da melhor forma possível, fazendo ou não aquilo que os alunos pedirem. Quando estas situações ocorrem, o professor deve questionar se o seu planejamento está sendo adequado para a faixa etária dos alunos, se a partir da brincadeira/atividade proposta pelos mesmos poderá tirar algum proveito, que aprendizado traria, entre outros.

Quanto a estratégia interagir com os amigos (as), este foi uma estratégia utilizado pelas professoras para fazer com que os/as mes-

mos permanecessem na aula, pelo fato de ficar próximo e/ou fazer as atividades junto com seu amigo(a). Essa atitude da professora tornou possível a participação das alunas que não se sentiam motivadas a ficarem na aula, nem que fosse para fazer companhia e/ou ficar próximo a(ao) amiga(o).

Finalmente foi utilizado o elogio, como uma estratégia para motivação no decorrer das aulas. As professoras sempre elogiavam os alunos na execução das atividades. O elogio é uma necessidade para a criança; ele não estraga a mesma, pelo contrário faz com ela se sinta necessária, desejada e aumenta sua auto-estima. A atuação de motivação por parte do professor, seja qual for a estratégia, só terá êxito se ele conhecer, dominar e usar os mecanismos psicológicos ligados a motivação do seu aluno com flexibilidade e criatividade.

Outro aspecto verificado foi o nível de interesse dos alunos pelo conteúdo foram observadas três situações: com comentários, reclamações e/ou elogios (100% das aulas), com a insistência da professora (33,3% das aulas) e os alunos ficam dispersos na aula (91,65% das aulas).

Quanto ao nível de interesse comentários, foram feitas reclamações pelos alunos no decorrer da execução das atividades, tais como:

- "Isso aqui machuca professora".
- "Cansei, não quero mais fazer".

Eles ainda elogiaram as aulas, falando que tinham gostado da aula, que queriam fazer novamente determinada atividade e sugeriram movimentos e/ou gestos durante as aulas, como no dia em que a professora falou para os alunos das possibilidades de fazerem figuras e movimentos utilizando o corpo. Nessa atividade, os alunos sugeriram posições nos gestos do guarda chuva, trote do cavalo e estrela.

A partir dos comentários dos alunos, as professoras obtiveram um 8) *feedback* sobre o andamento das aulas, o que possibilitou parâmetros às mesmas para avaliarem se o que estavam fazendo era adequado à idade das crianças, se havia necessidade de adaptações/modificações, além de poderem observar as criações dos alunos.

Quanto à insistência da professora, 66,7% dos alunos realizaram as atividades por interesse próprio; os demais 33,3% não queriam participar da aula pelo fato de se sentirem desmotivados e/ou não atraídos pelas atividades planejadas. A partir dessa averiguação, as professoras optaram por utilizar das seguintes estratégias 9) chantagem, 10) desafio e 11) atração visual, com os materiais (estetoscópio e urso de pelúcia).

Na categoria chantagem, entende-se como um meio de obter

uma resposta positiva para a participação dos alunos, no qual a professora falava que ao final da aula faria a brincadeira que eles quisessem, prometia alguma surpresa ou ainda utilizou da pontuação, que quando eles fizessem tudo certo ou acertassem algo ganhavam ponto caso contrário o ponto era da professora, logo a chantagem não foi realizada na forma de punição. Segundo Wagner (2005), a chantagem, nesse caso, tem como objetivo reverter uma situação e/ou decisão já tomada, como se observou no dia em que a professora falou aos alunos que ao término da aula teriam uma surpresa, se todos fizessem as atividades e também combinou que a cada acerto eles iriam pontuando. Como surpresa, ao final da aula, a professora tirou foto com todos os alunos.

O desafio apareceu em vários momentos das aulas, no qual a professora falava aos alunos que ela iria fazer uma atividade muito difícil e que duvidava se alguém iria conseguir fazer. Essa atitude fazia com que os alunos se sentissem desafiados, eles prestavam atenção e ficavam eufóricos para executar a mesma.

Quanto à utilização dos materiais foi no sentido de atrair a atenção dos alunos. Haselbach (1989), argumenta que o uso de materiais certamente será capaz de ultrapassar as possibilidades de aplicação na improvisação da dança,

embora seu uso não seja condição necessária. Essa discussão da autora se deu no decorrer da aula, na qual a partir da inserção do material estetoscópio foi possível incrementar e acrescentar outras atividades, essas foram possíveis a partir da observação quanto a reação dos alunos perante esse material, o qual despertou muito interesse.

Na categoria os alunos ficam dispersos na aula observou-se que em 8,4% das aulas os alunos ficaram atentos e em 91,6% dispersos; foram essas as primeiras aulas, nas quais os alunos ainda não conheciam as professoras e, provavelmente, por isso tenham tido mais atenção. Essa questão da atenção ao conteúdo e participação dos alunos nas aulas me deixou preocupada, pois parecia que nesses dias os alunos não estavam gostando das vivências, ou ainda não tinham entendido e/ou aprendido nada. No entanto, no dia seguinte, eu observava na conversa inicial que eles lembravam as atividades feitas e o conteúdo passado, alguns até levantavam e repetiam as mesmas.

De acordo com Lima (2009), essas ações das crianças fazem parte de seu movimento do cotidiano, nem sempre elas estão dispostas a fazer tudo que lhe é proposto e isso não significa que elas não aprenderam ou que não tenham criado alguma coisa, como foi

no dia em que duas alunas ficaram sentadas no canto, mas as mesmas ficaram olhando a professora dar aula e elas iam fazendo as atividades junto com os colegas, ou seja, há necessidade do professor respeitar o tempo e vontade do aluno, pois a criança deve se sentir a vontade para executar as atividades.

No entanto o(a) professor(a) não pode deixar esse aluno(a) de lado, ele deve conversar com essa criança que não quer participar para saber o que está acontecendo e tentar estimulá-la para participar de outras vivências (LIMA, 2009). Nesse momento aparece a incógnita: o que planejar, que atividades elaborar, como chamar a atenção dos alunos para o conteúdo?

De acordo com os relatos, percebeu-se que as professoras trabalharam quatro conteúdos por meio da dança improvisação: conhecimento sobre o corpo, ritmo, dança e movimentos corporais.

As professoras tiveram como base: Haselbach (1989) para elaboração dos planos de aula, as vivências adquiridas no decorrer da disciplina de Dança na graduação, além de terem utilizado algumas aulas para observar as crianças.

No primeiro conteúdo abordado, conhecimento sobre o

corpo, as professoras procuraram abordar os nomes das partes do corpo, tanto internas quanto externas, a localização das mesmas e quais as possibilidades de movimentos e/ou gestos do corpo.

No conteúdo ritmo abordado com base no conhecimento do corpo partiu-se do repertório que a criança já tinha, para posteriormente apresentar outras possibilidades. Assim, as professoras inicialmente apresentaram o ritmo presente no corpo, depois partiram para a percepção de ritmo externo (presente no ambiente) para finalizar com o ritmo musical (utilizou diversas músicas métricas).

A dança foi vista a partir do movimento continuado e interrompido (pausa), com alusões ao caminhar/movimentação de alguns animais e elementos da natureza (água e ar) conhecidos pelas crianças. E por fim os movimentos corporais, os quais foram possíveis serem trabalhados, visto que os alunos já tiveram um prévio conhecimento sobre o seu corpo, a presença do ritmo corporal e no meio externo e as possibilidades de movimentar (dançar), logo foi abordado a métrica<sup>3</sup> diferenciando os movimentos suaves e lentos de rápidos e bruscos.

---

3 Métrica é a divisão de uma linha musical em compassos marcados por tempos fortes e fracos (BATISTA, 2006).

Assim planejamos os conteúdos com base nas vivências que os alunos já tinham e procuramos nos basear no que já havíamos ensinado para dar seqüência às novas propostas de acordo com cada conteúdo. Todos os conteúdos foram planejados a partir das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

O professor é o (2) mediador, no ambiente escolar, entre o aluno e o conhecimento. No seu espaço de aula ocorrem as trocas de experiências, as discussões e interações entre os alunos, as relações afetivas entre professor-aluno; além de ser possível ao professor observar seus alunos, ver suas conquistas e dificuldades, a fim de os conhecer cada vez melhor. Por isso é necessário que o ambiente seja cooperativo, estimulante, favorecedor do desenvolvimento intelectual, promover a interação entre os distintos significados apreendidos pelos alunos, ou criados por eles, a partir das propostas que realizarem e dos desafios que vencerem (MORGADO e GALZERANO, 2007).

Para que a ação de mediador do professor ocorra, ele elabora um plano de aula, que segundo Takahashi e Fernandes (2004), têm elementos conceituais: estrutura didática; temática; objetivo; conteúdo programático; estratégias e recursos didáticos; duração e referências. O objetivo “Consiste na organização

de conteúdos orientando procedimentos”, além do que, num plano de aula, tem “[...] a função de facilitar a avaliação diagnóstica do trabalho conjunto do professor e dos alunos” (p. 115). Logo, o objetivo no planejamento será um norteador para o professor, como um foco a ser traçado, alcançado; seu resultado lhe dará subsídios para avaliar sua atuação e dos alunos.

Nessa pesquisa procurei observar se o objetivo de cada aula foi ou não alcançado. De acordo com os dados, todas as aulas tiveram seu objetivo alcançado, esse fato provavelmente ocorreu porque as professoras tiveram estratégias perante os problemas apresentados na avaliação e no decorrer da aula.

As situações ocorridas nas aulas foram: inquietação (falta de atenção), necessidade de estímulos visuais, demonstração (imitação) e flexibilização das aulas planejadas. As estratégias de ações das professoras foram como modo de contribuir com a aprendizagem dos alunos; como abordado anteriormente a inquietação dos alunos estaria ligado ao fato de já fazer parte de seu movimento do cotidiano, principalmente por ser um grupo de 5 e 6 anos; os estímulos visuais são uma necessidade para gerar um entendimento por parte dos alunos do que se pretende ensinar, sejam eles alguns materiais e até mesmo

a imitação, feita pela professora ou aluno. A 13) imitação é um meio de estímulo visual para o aluno, um complemento da explicação verbal, além de ser uma forma de ampliar o repertório de movimentos e imagens das crianças. Essa estratégia foi adotada pelas professoras em todas as atividades, tanto nas tarefas em que as crianças imitavam umas as outras, como nas tarefas em que propúnhamos imitar a professora (LIMA, 2009).

### **Considerações finais**

Esse estudo se propôs a investigar diferentes estratégias metodológicas no ensino da dança improvisação na Educação Física infantil. Para tal me coloquei no papel de professora-pesquisadora, com o auxílio de uma colaboradora no intuito de refletir sobre minha própria prática, não apenas como observadora ou participante de alguma prática de outrem, mas como atuante de minha própria produção de conhecimento no ensino e na pesquisa.

Com base na pesquisa realizada foi possível concluir que, nesse estudo, a estratégia primordial no ensino da dança improvisação foi o diálogo/conversa (comunicação), o qual foi utilizado para identificar as situações, motivar os alunos quanto a sua participação em aula e explicar os conteúdos.

A motivação é outra estratégia de fundamental importância que permeou em todas as aulas ministradas, visto que as crianças precisam ser instigadas para participar, ou seja, tem que ser atrativo a elas. Dentro da categoria motivação foram usados alguns subterfúgios como: desafio, curiosidade (com uso de materiais de apoio) e atividades lúdicas (imitação de animais, objetos, fenômenos da natureza).

Apesar de ter utilizado a comunicação verbal para explicar a execução das atividades, foi necessário usar da estratégia de demonstração, na qual a professora ou ainda algum aluno o fazia; isso porque a idade dos alunos estudados foi entre 5 e 6 anos, por isso necessitavam em todo o tempo de uma visualização do que era ensinado a eles. Logo, a demonstração foi utilizada como um reforço da explicação verbal e como um modo de contribuir para o aprendizado dos alunos.

Ainda foi utilizado, como uma estratégia no ensino da dança improvisação, a chantagem, no sentido de “moeda de troca”, como um modo de fazer com que os alunos participassem da aula; no qual a professora combinava com os alunos que no final da aula deixaria um tempo livre para eles, ou ainda fazia a atividade que eles pedissem ou prometiam surpresa ao final da aula.

Dentro da proposta de ensino da dança improvisação o professor é como um orientador das vivências, mediador do conhecimento, por isso ele deve buscar estratégias de ensino para desempenhar sua função da melhor forma possível, que contribua para o conhecimento e desenvolvimento de seu aluno.

Ao retomar as categorias de análises abordadas neste estudo, que foram: 1) timidez, 2) não-identificação com a professora, 3) amizade, 4) diálogo, 5) flexibilização do plano de aula, 6) interação social, 7) motivação, 8) *feedback*, 9) chantagem, 10) desafio, 11) atração visual, 12) mediador e 13) imitação. Consideramos que as categorias diálogo, interação social, amizade, chantagem, flexibilização do plano de aula e motivação foram as estratégias adotadas pelas professoras para chamar a atenção dos alunos ao conteúdo dança improvisação. Já o *feedback* foi uma categoria que permitiu à professora saber como estava o andamento da aula de acordo com os alunos. Os conteúdos da Educação Física infantil deu à professora um parâmetro para definir os conteúdos ministrados no decorrer da aula e a função do objetivo no planejamento serviu como norteador para alcançar um resultado. E por fim a relação de mediador do professor com os alunos

foi uma categoria que apresentou os “atores” deste estudo.

## Referências

- BATISTA, J. C. F. Dança: o elemento coreográfico. In: TOLOCKA, R. E. & VERLENGIA, R. **Dança e diversidade humana**. Campinas: Papyrus, 2006.
- CARBONERA, Daniele. e CARBONERA, Sergio Antonio. **A importância da dança no contexto escolar**. 2008. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Iguazu - ESAP, Cascavel-PR, 2008. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/monografia/DANCA\\_ESCOLA.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/DANCA_ESCOLA.pdf)>. Acesso em: 19 de dezembro de 2008.
- GABILAN, J. G. **Educação Física no Ensino Fundamental: coerência entre os conteúdos do plano de ensino, prática docente e expectativas de alunos**. Monografia – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.
- HASELBACH, B. **Dança, improvisação e movimento:**

- expressão corporal na educação física.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.
- JUNQUEIRA FILHO, G. A. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil.** Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. 2000.
- KUNZ, E. Educação Física: Concepções e mudanças. **Revista Brasileira de Ciências e de Esporte**, v. 10, n. 2, p. 23-31, 1989. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2008.
- LIMA, E. C. P. **Que dança faz dançar a criança?** Investigando as possibilidades da Improvisação na Educação Física Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal de Santa Catarina. 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGEF0208-D.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2009.
- LINDGREN, R. et al. Design Principles for Competence Management Systems: a Synthesis of an Action Research Study. **MIS Quarterly**, v.28, n.3, September 2004. Disponível em: <<http://www.misq.org/archivist/vol/no28/Issue3/Lindgren.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2009.
- MINAYO, M. C. S. e DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOREIRA, E. C. Pensando e Planejando a Educação Física Escolar. In: **III Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte**, 2008, Cuiabá, MT. Anais do III Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 2008.
- MORGADO, E. e GALZERANO, L. Relações entre professor-aluno para um melhor ensino-aprendizagem das Ciências Agrárias. **REDVET. Revista electrónica de Veterinaria**, v. VIII n. 1. 2007.
- REZENDE, C. B. Mágoas de Amizade: um ensaio em Antropologia das emoções. **Mana**, Nº 8, p.69-89. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n2/16137.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2009.
- TAKAHASHI, R.T. e FERNANDES, M.F.P. Plano de aula: conceitos e metodologia. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 114-8, 2004. Disponível em: <[http://www.unifesp.br/denf/acta/2004/17\\_1/pdf/art15.pdf](http://www.unifesp.br/denf/acta/2004/17_1/pdf/art15.pdf)>. Acesso em: 09 de julho de 2009.

- VASCONCELOS, A. A. et al. **A presença do diálogo na relação professor-aluno.** V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro. 2005. Disponível em: < <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/a%20presenca%20do%20dialogo%20na%20relacao%20professor-aluno.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2009.
- WAGNER, A. et al. Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. **Psicologia Reflexão e Crítica.** v.18 n.2 Porto Alegre maio/ago. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27479.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2009.

Recebido: 14/fevereiro/2010.

Aprovado: 19/abril/2010.